

*Paris, nos primeiros dias do mês de Maio de 2010, um quarto de hotel a meio da tarde*

O nosso refúgio. A nossa casa.

Foi nisso que se transformou o quarto número um, o Josefina, no instante em que eu me refugiei ali com o meu vestido de noiva em farrapos. No instante em que Louis me abriu os braços. Talvez tenha perdido um pouco do seu esplendor quando o elegemos para o nosso domicílio, enterrado sob os tabuleiros de comida e as roupas amachucadas. Porém, o quarto também emana um encanto mais subtil, o dos suspiros que colamos dia após dia nas suas paredes, o dos arquejos que correm até ao chão e povoam o seu soalho, exército efêmero e invisível que apenas nós percebemos. Seja como for, não deixamos ninguém entrar.

Lá fora, é intensamente Primavera. O Verão, depois o Outono e por fim o Inverno passaram como um sonho. Fechar os olhos, abri-los novamente. Pfft. Já acabou. Passou um ano quase inteiro antes de ousarmos voltar à nossa casa, na Rua de la Tour des Dames. O Hotel da Menina Mars estará pronto em

breve, renovado de acordo com a sua decoração romântica. Há dez anos que Louis espera o fim da remodelação do palacete. Ele está tão ansioso que bate o pé e range os dentes com impaciência a cada palavra, a cada gesto. As minhas carícias fazem tudo para o acalmar e para moderar a sua pressa. Eu prefiro exacerbar os seus sentidos a irritar os seus nervos.

Até à mudança de casa, aproveitamos estes dias ensolarados através das cortinas e dos lençóis, onde o astro radioso vem descobrir-nos. Durante todos estes meses domámo-nos, como dois animais, como duas feras, constantemente aninhados um no outro. Explorámo-nos com minúcia, ávidos de descobrir todos os desenhos secretos, todas as sensibilidades e delicadezas de um corpo, de um sexo, de uma alma. Andamos nus e quase não saímos, excepto para o funeral de Maude. Só de vez em quando abrimos a única janela. Preferimos saciar-nos com os nossos odores combinados, almiscarados, inebriar-nos com a sua união perfeita.

No entanto, não esqueci David e as suas mentiras. Não apaguei da memória a minha mãe nem a sua agonia insuportável. Não me esvaziei de recordações, enchi-me de Louis. Ele preencheu todos os espaços que havia em mim. Ele conquistou tudo. Êxtase absoluto, doçura absoluta, desejo absoluto de perfeição e de abandono.

Hoje, não saberia dizer em que dia estamos. E ainda menos em que dimensão vivem os outros, lá em baixo, na rua, as pessoas de quem estive afastada durante todo este tempo.

Na nossa dimensão, o tempo é doce, acariciador e cheio de amor, apenas perturbado pelos intervalos triviais ditados pelos tabuleiros trazidos da copa por Ysiam, o malicioso cúmplice da nossa ainda tão jovem felicidade. Cada raio de luz quer iluminar-nos para toda a eternidade. E nós deixamo-nos embalar por este amor natural, indolentes, famintos apenas dos nossos corpos nus.

Envolta em luz, meio adormecida, sinto a mão de Louis deslizar entre as minhas coxas, serpente de desejo prestes a morder-me, e voltar para a origem da sua tentação. Ele mal me toca mas as minhas virilhas palpitam e as minhas pernas abrem-se lentamente, num reflexo que ele recebe com um sorriso de satisfação. Três dedos sulcam a minha racha até recolher o seu primeiro orvalho. Mesmo que eu não me sentisse constantemente disposta a recebê-lo, ele esperaria que eu estivesse sempre pronta. Ele sabe. Abusa disso, e eu não me canso de sentir prazer e de o querer dentro de mim.

Gemo apenas o suficiente para que ele perceba. Deito-me de costas, como uma gata, para lhe oferecer uma visão completa, pictórica, original. Mudei muito. Já não temo o seu olhar e entrego-me sem qualquer pudor. Pouco importa a postura, a iluminação ou o ângulo. Pouco importa a minha forma, à qual as sestras e a ociosidade conferiram voluptuosas formas arredondadas. Não abro os olhos. Como ele me quer agora, arrancada ao sono, ter-me-á indolente, sem mais vivacidade que a do abandono. As suas mãos pousam onde o sol já aqueceu a minha pele, deixando-a com um brilho sedoso.

Quando sinto a sua língua pousar no meu clítoris é tarde de mais para o afastar. Sentirei eu apenas uma vontade preguiçosa?

Ele não se aplica, como é seu hábito, a circundar a minha glândula cor-de-rosa. Carrega no botão com a língua espalmada, como se quisesse testar a resistência elástica deste caramelo regado com sucos açucarados. Esta novidade agrada-me. Eu gosto que ele faça experiências, que ele reescreva as nossas regras, que ele as transgrida, que ele me ame de formas imprevisíveis. O bombom de carne incha e estremece. Ele é guloso. Quer mais. Eu também. Encho os seus lábios com os meus sucos.

Às cegas, pego no seu dedo médio e introduzo-o em mim com ardor. Ele parece surpreendido e depois começa a brincar,

descrevendo grandes círculos contra as minhas paredes, que se contraem, atravessadas por espasmos, irradiadas com a felicidade que se seguirá. Quando ele força a última falange no fundo, a minha vagina abre-se à volta do seu punho para o aceitar.

— Continua... vá, como...!

Não consigo dizer mais nada. O seu sexo ocupou o espaço. Pestanejo em sinal de reconhecimento. Através das pestanas, adivinho o seu torso, que sobe e desce sobre mim. Ele parece-me menos magro do que o habitual. Mais musculoso. Mas é, sem dúvida, efeito do entorpecimento dos meus sentidos, deste orgasmo que ruge algures dentro de mim e me alerta para a sua carga derradeira, iminente. O seu pénis é menos preciso que o seu dedo, mas a forma como me enche satisfaz os meus desejos. Sinto que incha numa investida mais violenta. Que espera o seu regresso a cada recuo. Os nossos corpos entorpecidos de preguiça, quentes como pães acabados de sair do forno, entrecho-cam devagar. Não é uma das nossas grandes cavalgadas. É um amor pastoso e fortificante, em que saboreamos o nosso prazer com a consciência de cada momento. Sexo vital, primordial, nutritivo. Nada é demasiado intenso para nós. E, no entanto, irradiamos doçura.

— Vou-me vir.. — diz ele quando começa a estremecer.

Também eu, prestes a capitular, suplico-lhe:

— Então vem-te!

Quando ele começa a inundar-me, eu abro bem os olhos. Quero contemplá-lo todo. Deixar o seu olhar entrar em mim e explorar-me. Quero harmonizar a imagem e os sons e os odores e o contacto daquela pele escaldante que imprime em mim o seu desejo cada vez que toca na minha.

Acima de tudo, quero ler os contornos dos seus músculos longos, onde se enrolam as suas últimas tatuagens. A litania do seu alfabeto vivo, cujos arabescos tanto gosto de ver ondular à minha volta.

Mas não os vejo... O seu ombro esquerdo é virgem. E o mesmo acontece com a parte interna do seu braço. Quase o expulso por completo quando, por fim, vislumbro o seu rosto emoldurado por aquele bonito sorriso, tão triunfal como ele sabe ser.

— David?

Devo ter gritado em surdina, arrancada ao meu sonho. Era a primeira vez desde há meses que sonhava com David. Esta intrusão súbita do irmão não surpreendeu Louis, que não pareceu contrariado. Abraçou-me e embalou-me para dissipar os restos de pesadelo que lia nos meus olhos incrédulos. Os espectros do passado podiam girar à nossa volta, mas a força dos seus beijos já não tinha rival. Ele triunfara sem dúvida nem reservas. Eu era toda sua. Quem poderia duvidar?